

## TRADUÇÃO LITERÁRIA: UM CONVITE AO “QUERIDO LEITOR” DAS “VERDADERAS MUJERES” DE MACHADO DE ASSIS

Juliana Aparecida Gimenes<sup>305</sup>

Resumo: Propomos com este artigo a apresentação de um estudo sobre as traduções e as paratraduções de quatro obras de Machado de Assis para o espanhol. Devido à vasta produção de textos, nosso foco será a análise da construção das personagens femininas nos paratextos que acompanham as traduções editoriais de *Don Casmurro* (1991), *Memorias póstumas de Blas Cubas* (2006), *La Iglesia del Diablo y otros cuentos* (2007) e *Misa de Gallo y otros cuentos* (1990). Tais personagens e suas respectivas apresentações paratextuais merecem destaque por seu potencial de problematizar tanto alguns dos paradigmas sociais envolvendo os comportamentos femininos que se perpetuaram até os dias de hoje quanto a forma como esses paradigmas são apresentados nos textos machadianos em língua espanhola. Os estudos de tradução, portanto, têm muito a ganhar com e a contribuir para os estudos de literatura e do mercado editorial. Para o presente artigo conhecer o mercado editorial torna-se relevante, uma vez que os paratextos editoriais são lugares privilegiados para editores e tradutores manifestarem suas opiniões acerca das personagens machadianas. Desse modo, além de servirem como um convite ao leitor, funcionam como uma forma de influenciar a leitura e a visão que se tem das personagens femininas em espanhol. Fundamentam teoricamente esta análise Stein (1984), com as personagens femininas de Machado de Assis; Genette (2009) com seu trabalho sobre paratextos; Yuste Frías (2015), com a proposta de paratradução e Derrida (1995), com a ideia de convite à leitura.

Palavras-chave: Machado de Assis. Personagens Femininas. Espanhol. Tradução. Paratextos.

Abstract: This article intends to propose a study on the translations and paratranslations of four writings of Machado de Assis into Spanish. Due to the vast number of texts, our focus is going to be on the analysis of the construction of female characters in paratexts that follow the editorial translations of *Don Casmurro* (1991), *Memorias póstumas de Blas Cubas* (2006), *La Iglesia del Diablo y otros cuentos* (2007) e *Misa de Gallo y otros cuentos* (1990). Those characters and their paratextual presentations deserve to be highlighted for their potential of questioning social paradigms on female behavior that still persist to this day, as well as the way these paradigms are presented in Machado de Assis' texts in Spanish. Translations studies, therefore, have a lot to gain from and to contribute to the literary studies and the publishing market. Knowledge on the publishing market is relevant for the present article, seeing that editorial paratexts are privileged environments for editors and translators to manifest their opinions on characters created by Machado de Assis. Therefore, besides being an invitation for the reader, they are also a way of influencing reading and the perspective of female characters in Spanish. The theoretical basis for this analysis comes from Stein (1984), with female characters in the works of Machado de Assis; Genette (2009) with his works on paratexts; Yuste Frías

---

<sup>305</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada, Unicamp, [juliana.linguistica2006@gmail.com](mailto:juliana.linguistica2006@gmail.com).

(2015) with the paratranslation proposal; and Derrida (1995), with the ideal of invitation to reading.

Keywords: Machado de Assis. Female Characters. Spanish. Translation. Paratexts.

## APRESENTAÇÃO

É entre o leitor e as *mujeres* machadianas que esta pesquisa se põe em andamento como uma investigação do trabalho de tradução que envolve as personagens femininas de Machado de Assis traduzidas para o espanhol<sup>306</sup>. Temos notícia de grande número de obras machadianas traduzidas (CARDELLINO, 2012)<sup>307</sup> e paratraduzidas<sup>308</sup>, mas neste trabalho, devido a dificuldades de acesso até o momento, nos restringimos às seguintes edições: *Don Casmurro*, tradução de Pablo del Barco (1991); *Memorias póstumas de Blas Cubas*, de Antonio Alatorre (2006); *La Iglesia del Diablo y otros cuentos*, de Remy Gorga Filho (2007) e *Misa de Gallo y otros cuentos*, de Elkin Obregón (1990).

O que significava ser mulher no final do século XIX no Brasil? Buscar em Machado uma resposta é um caminho de pesquisa que permanece atual. As personagens femininas de Machado de Assis, cuidadosamente criadas e elaboradas, possibilitam-nos levantar hipóteses sobre o modo de vida não só das mulheres em especial, mas também da sociedade patriarcal e escravocrata do final do século XIX no Rio de Janeiro, então capital do Império. A ambientação de tais personagens é tão variada quanto é variada a criação literária de Machado, ou seja, são retratados os casamentos, os bailes, as situações íntimas e familiares, a vida doméstica, o convívio público, a maternidade... Em outras palavras, assumimos o texto literário machadiano como um *convite* (DERRIDA, 1995) para discussões de cunho social, político e cultural, sem, no entanto, descaracterizar o texto literário, ou seja, embora possamos inferir situações da vida sociopolítica e cultural na obra de Machado de Assis, não podemos ignorar o fato de que a obra literária não busca uma objetividade empírica (ROSENFELD, 1981), nem mesmo uma funcionalidade (“ler para [algo]”).

---

<sup>306</sup> Doutorado em andamento na linha de pesquisa em Tradução do departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/Unicamp.

<sup>307</sup> Artigo publicado em 2012 em que o autor faz um detalhado levantamento sobre as traduções de Machado de Assis para a língua espanhola.

<sup>308</sup> Para este trabalho trazemos o conceito de *paratradução*, tal como proposto por Yuste Frías (2015, p.325), como base na noção de *paratexto* de Genette ([1987] 2009): “En la traducción editorial, la paratraducción se ocupa de paratextos tales que van desde los títulos y los prefacios hasta los propios testimonios de los autores pasando por las notas a pie y las ilustraciones”.

Segundo Rosenfeld (1981), o texto literário convida o leitor a permanecer na camada imaginária que se sobrepõe à realidade, muito embora reconheçamos a porosidade das tentativas de definição do que é ou não é literário. No entanto, esse tema não será abordado com mais profundidade aqui porque nos levaria a outros caminhos de discussão e, para este momento da pesquisa, estamos partindo da aceitação tácita de que Machado de Assis é literário e é canônico.

Também é pertinente, além disso, considerar para nossa proposta de análise outro “convite”, ou seja, os paratextos que se encontram nas traduções das obras de Machado de Assis aqui mencionadas. As quatro obras traduzidas que serão retomadas na seção seguinte trazem uma introdução ao texto, ao autor e às personagens que o leitor hispanofalante tem em mãos, isto é, as apresentações funcionam como um convite ao leitor para entrar nas narrativas de um escritor brasileiro de outro século e outra sociedade. Esse convite, no entanto, não é imune às particularidades de leitura dos tradutores, uma vez que, como veremos, as apresentações revelam certas visões sobre as personagens, influenciando, assim, a leitura. Em outras palavras, trata-se de uma leitura já marcada por um posicionamento do tradutor ou do editor em relação à obra.

O convite que encontramos em Derrida se manifesta nas diversas possibilidades de leitura, isto é, no fato – ou no que tomamos como fato – de que nenhum texto está “acabado” ou encerrado em si mesmo, mas há sempre novas possibilidades assim como há sempre novos leitores. Esse convite também pode ser lido como algo inerente às traduções, ou seja, cada obra não traduzida é um convite a ser traduzida. A lista de tradutores machadianos que aceitaram tal convite é longa e está sempre em crescimento, portanto, são novas leituras e novas interpretações. Além disso, Machado de Assis foi mestre ao “jogar” brilhantemente com esse convite ao “querido leitor” valendo-se das vozes de seus narradores manipuladores, colocando tal leitor em posição central no julgamento das ações de suas personagens.

É interessante destacar, como aponta Bergamini (2010), que as mulheres são apresentadas aos leitores não só a partir da descrição física, mas que também ganha relevância para o desenvolvimento do enredo a densidade psicológica. Muitas vezes as atitudes tomadas pelas personagens femininas nos romances ou nos contos vão de encontro ao que se esperava de uma mulher para a época em que nas narrativas se passam. Isso sem contar que grande parte das descrições ocorrem tanto pela voz do narrador – majoritariamente masculino – como pela fala de outras personagens, como é o caso de

Bentinho, recordando a definição “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” na voz nada neutra de José Dias.

Cabe destacar ainda um aspecto que temos que manter no horizonte de nossas análises. É que as mulheres machadianas, bem como outras personagens, não são tipos caricatos, marcados por esterótipos e exagerações, mas, sim, apresentam as contradições da vida humana. Diferentemente dos romances do século XVIII, cujas representantes podem ser as figuras de *Júlia* ou *Clarissa* (HUNT, 2009), a modo de citação, as adversidades do cotidiano não transformam nem Capitu, nem Conceição, nem Virgília, nem Marcela em mártires ou heroínas sofredoras que despertassem nossa empatia, mas em mulheres cujas emoções e motivações nos remetem a um mundo, digamos, “real”. Contudo, como veremos a seguir, nem todos os leitores têm a liberdade para percorrer esse caminho interpretativo sobre o papel das personagens femininas, haja vista que os paratextos guiam, de certa forma, o contato com tais personagens.

Tendo em vista essa breve contextualização, que está longe de ser exaustiva, vejamos que ideias nos acodem para falar sobre as traduções de tais personagens para o espanhol, visando, dessa forma, levantar hipóteses sobre os possíveis efeitos provocados na outra língua, ou seja, analisaremos de que formas as escolhas tradutórias, dentro de um projeto tradutório mais amplo que inclui a tradução de paratextos<sup>309</sup>, recriam tais personagens.

Outro aspecto importante a ser considerado aqui é que, dado o volume de obras de Machado de Assis e dada a quantidade de traduções, o presente trabalho irá se restringir ao estudo dos paratextos editoriais das obras traduzidas, em especial, nos textos de apresentação, buscando compreender o que os tradutores e os editores têm a dizer a respeito das personagens machadianas.

## SOBRE AS PERSONAGENS FEMININAS

Ingrid Stein (1984) apresentou um estudo sobre a diversidade de composição das personagens femininas nos romances de Machado de Assis. Nessa obra, a autora traz uma breve contextualização histórica do Rio de Janeiro e, de modo geral, do Brasil da época

---

<sup>309</sup> Podemos citar os casos dos paratextos de Alfredo Bosi e Lúcia Miguel Pereira, presentes nas traduções de *Misa de Gallo y otros cuentos* e *Memorias Póstumas de Blas Cubas* respectivamente e que serão analisados com mais no decorrer do artigo.

em que os romances de Machado começaram a circular ou em que a narração se passava. Tal contextualização revela-nos importantes acontecimentos sobre a formação familiar, sobre as relações de classes, sobre a educação feminina, sobre a influência da religião ou das correntes filosóficas da época para a concepção da mulher no convívio social, uma vez que esses e outros aspectos constituem as narrativas.

Tendo em vista esse panorama, a autora apresenta alguns traços gerais que merecem destaque na construção das personagens femininas. O casamento, por exemplo, que socialmente representaria a pureza, a tradição, a religião, na obra de Machado é retratado, na maioria das vezes, como casamentos infelizes, impostos ou manipulados. Pensemos no caso de Bento Santiago e Capitu, em *Dom Casmurro*; de Fortunato e Maria Luísa, em *A causa secreta*; Virgília e Lobos Neves, em *Memórias*; ou ainda, Conceição e Meneses, em *Missa do Galo*.

É interessante destacar que em *Missa do Galo*, o narrador Nogueira revela que sabia que Conceição “casara aos vinte e sete anos de idade” (1997, p.133) e que faria tudo por seu casamento, “com as aparências salvas” (p.126, *idem*). Inferimos, daí, a pena irônica de Machado de Assis ao observar que Conceição talvez preferisse um casamento de aparências a ficar “solteirona”, visto que, para finais do século XIX, vinte e sete anos já era uma idade “crítica” para uma mulher. Segundo Moisés (2004, p.73), uma mulher aos vinte e sete anos, nessa época, já teria tido vários filhos, ou seja, aquelas que passavam dos trinta sem casamento, como destaca Stein (1984), já podiam começar a perder as esperanças e a se preocupar com a forma de “ganhar a vida” na velhice, haja vista que ter uma profissão era uma atividade exclusivamente masculina, isto é, o sustento da família concentra-se nas figuras masculinas, característica das famílias patriarcais, que regulavam e ditavam a organização familiar, ou seja, a autoridade máxima era o “pater familias” (STEIN, 1984, p.22).

Nas aparências salvas desses casamentos reconhecemos outro aspecto presente na obra machadiana que repercute na formação identitária das mulheres. As mulheres provenientes de famílias mais abastadas não tinham profissão, uma vez que seu papel se resumia em administrar a casa e cuidar dos filhos e do marido, pois não era bem visto que mulheres trabalhassem; no entanto, isso era permitido às mulheres das camadas sociais inferiores. Mesmo assim, não se trata de profissões de grande prestígio social, mas, sim, de trabalhos que chamaríamos, hoje mais que nunca, de prestações de serviços. Cabiam às mulheres os ofícios de doceiras, lavadeiras, cozinheiras, costureiras etc, como é o caso

de Dona Plácida, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que, para sustentar-se, fazia doces, além de vigiar a casa em que Brás Cubas e Virgília se encontravam. Stein (1984) ainda aponta que a carreira de professora primária era reservada às mulheres da classe média, mas que, mesmo assim, isso representava um desprestígio social.

Quanto a ser feliz ou infeliz nessas relações maritais – Virgília e Lobo Neves, em *Memórias Póstumas*; Sofia e Palha, em *Quincas Borba*; Fortunato e Maria Luísa, em *A causa secreta*, por exemplo –, merece destaque na obra de Machado de Assis o adultério, que ditava alguns dos comportamentos sociais. Não podemos nos esquecer de que havia dois pesos e duas medidas: se de um lado o homem adúltero não sofria sanções sociais e isso era até, de certa forma, um acordo tácito, por outro lado, a mulher infiel poderia até mesmo ser morta pelo marido em favor da exaltada defesa da honra. Tal mulher estaria desamparada pela lei e pela família, e para isso bastavam “indícios” (STEIN, 1984, p.29)<sup>310</sup>. Portanto, aqui o vínculo com o casamento/adultério permite-nos fazer uma discussão de como esses aspectos aparecem nos paratextos.

#### PARATEXTOS: CONVITE À OBRA

Pensar a tradução de literatura no mercado editorial nos faz pensar a tradução em uma esfera muito maior, que envolve, obviamente o/a tradutor/a, mas também muitos outros profissionais como o capista, o revisor, o preparador, o *designer* gráfico, entre outros, que juntos participam, ou deveriam participar<sup>311</sup>, do projeto tradutório. Essa observação torna-se importante porque estamos lidando não só com o texto propriamente dito, mas também com todos aqueles outros elementos – os paratextos, aquilo que está ao lado do texto – que compõem uma unidade maior: o livro.

Consideramos que os paratextos são partes inerentes ao objeto livro que nos ajudam a entender tanto o processo de tradução quanto o de paratradução, visto que ambos refletem a visão dos tradutores sobre determinada obra. Isso acontece porque é nesses lugares que conseguimos conhecer um pouco mais de outros fenômenos que permeiam a

---

<sup>310</sup> Existem outros grupos de mulheres, ainda de acordo com a mesma pesquisadora, como as viúvas (Fidélia, de *Memorial de Aires*), as marginalizadas (Dona Plácida, de *Memórias Póstumas*), as mais diretamente relacionadas à maternidade (Natividade, de *Esau e Jacó*), as religiosas (Dona Glória, de *Dom Casmurro*), entre outras, mas, não nos cabe reclassificar todas as personagens, trabalho que foge à ideia deste artigo.

<sup>311</sup> A proposta de Yuste Frías é justamente a de lutar para que seja efetiva a participação do tradutor junto à equipe editorial, considerando que as margens da tradução são também lugares de acolhida a outras línguas- culturas (2015, p.344).

tradução, por exemplo, a relação editora/público, marcada pelo interesse nas vendas, e as pesquisas tanto sobre a obra como sobre o autor, ou sobre alguma passagem específica do texto.

Genette (2009) divide os paratextos em dois grandes grupos: (i) o primeiro, os *peritextos* (*peri*, ao redor), todos aqueles elementos que estão ao redor do texto propriamente dito, ou seja, a capa, as orelhas, as notas de rodapé, a lombada, entre outros que atribuem também uma função estética ao livro; e (ii) o segundo, os *epitextos* (*epi*, em cima de), quaisquer elementos que estão fora do livro, ou seja, são materiais que encontramos em outras fontes de conhecimento como entrevistas com os tradutores, resenhas, publicidades, conferências, isto é, lugares fora do texto, mas que, pela natureza dos conteúdos, servem como meio de entrada ou visibilidade da obra.

Com relação às traduções aqui selecionadas, *Don Casmurro*, de Pablo del Barco (1991), publicada por Cátedra, Madri, apresenta uma introdução de 83 páginas ao texto de Machado de Assis, enquanto o livro, ao todo, tem 319 páginas. Ou seja, imaginamos que um leitor em língua espanhola, que porventura, não conheça Machado de Assis, tem a oportunidade de entrar em contato com uma rica fonte de informações e contextualização da obra, do autor, do Brasil imperial, do estilo do diálogo com o “querido leitor”, além da referência à escrita irônica, à sociedade escravocrata, entre outros elementos que situarão o leitor. Além disso, há ainda uma seção que trata especificamente das edições brasileiras consultadas para a confecção da tradução. Em suma, como destaca Yuste Frías (2015), esse é um caso em que a introdução – a paratradução – existe ao lado da tradução (“*para-*”), em função dela, e influencia diretamente a leitura do leitor hispânico.

Uma hipótese que podemos levantar é a de que essa edição pertence a uma coleção chamada *Letras Universales*, isto é, uma coleção destinada principalmente, mas não só, a um público acadêmico ou que se interesse por literatura, portanto, a apresentação da obra, que a princípio parece longa, revela-se extremamente condizente com essa ideia de um leitor mais “especializado”. Além disso, em uma entrevista concedida<sup>312</sup> por Pablo del Barco – exemplo de epitexto –, ele se mostra um leitor de Machado de Assis, ou seja, temos aqui também um fator de interesse e uma motivação pessoal pelo trabalho

---

<sup>312</sup> Entrevista concedida a Fernanda Carneiro, da revista *Brazil com Z*, n° 99, publicada em janeiro de 2016. Link e referência completa na seção final do artigo.

realizado.

Uma das seções dessa introdução traz a relação entre as personagens masculinas e as femininas de *Don Casmurro*. Em um primeiro momento, o tradutor aponta que são quatro personagens femininas que aparecem na obra, são elas: *Doña Glória, Prima Justina, Sancha e Capitu*. As personagens masculinas, por sua vez, são oito. A apresentação segue a argumentação de que não podemos nos deixar enganar pelo fato de a quantidade numérica das personagens femininas ser inferior à masculina, pois, em suas palavras, “atua aqui [a] realidade inaparente (...), porque o resultado é um romance profundamente feminino que, desde o título, parece obrigar-nos a acreditar na prioridade do masculino que Dom Casmurro representa<sup>313</sup>”.

Mais adiante, em outra seção denominada “*Mujer, Malicia, Hipocresía, Verdad*”, encontramos a descrição do jogo entre esses quatro elementos na construção das personagens femininas de *Dom Casmurro*. A construção do caráter e do comportamento de Capitu e de Prima Justina, por exemplo, é insinuada por traços negativos desde o começo do romance, levando o leitor a ver mudanças ocorridas na “menina encantadora”, mas que, se voltar ao começo do romance, perceberá que tais traços já estavam presentes na narrativa. Em outras palavras, essa seção aponta para o leitor que “tenha cuidado” durante a leitura. Essa “chamada de atenção” induz o leitor a um determinado comportamento que ele provavelmente não teria se não soubesse dessa estratégia narrativa. Contudo, se estamos considerando a possibilidade de se tratar de um público leitor especializado, talvez essa informação não seja, de fato, uma novidade.

*Memorias póstumas de Blás Cubas*, traduzida por Antonio Alatorre, publicada por *Fondo de Cultura Económica (FCE* ou simplesmente *el Fondo*), no México em 2006, merece destaque porque, primeiramente, o FCE é um dos grupos editoriais sem fins lucrativos de língua espanhola de maior importância na América Latina – encontra-se situado no México, mas sua força editorial espalha-se por todo o continente de língua espanhola<sup>314</sup>. Além disso, essa edição faz parte de uma *Colección Conmemorativa 70 Aniversario*, ou seja, é uma edição especial lançada a fim de comemorar o 70º aniversário do *el Fondo*. Para a edição, contamos, como dito, com a tradução do texto machadiano por Antonio Alatorre, com notas do próprio tradutor em parceria com Pero de Botelho,

<sup>313</sup> Tradução nossa, assim como todas as outras não referenciadas, de: “Actúa aquí [la] realidad inaparente (...), porque el resultado es una novela profundamente femenina en la que, desde el título, parece obligárenos a creer en la prioridad de lo masculino que representa Don Casmurro” (p.43).

<sup>314</sup> Cf.: <<https://www.fondodeculturaeconomica.com/Somos.aspx>>, acesso em 27 de fev. de 2018.

além de uma introdução de Lúcia Miguel Pereira traduzida para o espanhol<sup>315</sup>.

O interessante é, logo de início, observar que a escolha do texto de introdução tenha recaído sobre um ensaio de 1948 de Lúcia Miguel Pereira, crítica literária e biógrafa de Machado de Assis, enfim, uma personalidade importante para os estudos e estudiosos do autor. No entanto, não temos informações sobre quem traduziu (talvez o próprio Alatorre?), nem a fonte de tal texto. Uma hipótese que levantamos é que nossa surpresa se deva ao reconhecimento da importância de Lúcia Miguel Pereira, mas talvez um leitor comum de língua espanhola possa não associar seu nome aos estudos machadianos e essa informação ser de outra natureza para a relação estabelecida entre o texto de introdução – um paratexto – e o texto do romance.

Tal introdução, com 14 páginas, começa apresentando uma breve biografia de Machado de Assis, destacando sua infância de menino pobre na Quinta do Livramento, onde morava com a madrinha, e os poucos registros que se encontram sobre os primeiros anos escolares do escritor. A seguir, há uma menção também ao início profissional de Machado de Assis na tipografia e em alguns jornais da época, bem como seus primeiros escritos como poeta e, posteriormente, ganhando fama e reconhecimento pelas narrativas, principalmente com os romances e com a exímia genialidade com os contos.

Sobre o romance *Memorias póstumas*, a autora aponta a escrita marcada pela “pena da galhofa”, ou seja, um humor ao estilo de Laurence Sterne, que trata de dramas, comédia, sadismo, farsa disparatada e, principalmente, autoanálise. A autora vai também relacionando algumas dessas características de *Blas Cubas* com o próprio Machado de Assis.

Com relação às personagens femininas, ganha destaque a infância de *Blas Cubas*, quando o menino “sem as negras, como objetos privados de suas judiações, sem os relaxados costumes que facilitavam a promiscuidade das escravas com os senhoritos, Brás Cubas não teria sido o que foi<sup>316</sup>” (p.22). Vemos, com esse comentário, uma forma corriqueira de tratar as escravas no Brasil daquela época, ou seja, há uma diferença aqui tanto de classe como de gênero.

---

<sup>315</sup> Convém observar como podemos pensar esse exemplo a partir da proposta de Yuste Frías (2015), ou seja, esse texto de Lúcia Miguel Pereira já é um caso de paratradução, uma vez que houve a necessidade de traduzi-lo para o espanhol e ele é parte do projeto editorial da edição da obra, isto é, é parte do livro que circula com o título “Memorias Póstumas de Blas Cubas”.

<sup>316</sup> “sin las negras, como objetos privados de sus judiadas, sin las relajadas costumbres que facilitaba la promiscuidad de las esclavas con los señoritos, Blas Cubas no hubiera sido lo que fue” (p.22).

Mais adiante, menciona Virgília e “seus braços tentadores”, além das funções de Dona Plácida, isto é, “queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer (...) adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez (...)”. Retomamos aqui o que vimos na seção anterior, que a profissão não era uma atividade para mulheres e que, quando o era, mostra-se em situações de pouco prestígio social. Dona Plácida, por fim, tem outra função, a de morar na casa onde Brás Cubas e Virgília se encontravam às escondidas, uma vez que Virgília já estava casada com Lobo Neves.

No encerramento da introdução, Lúcia Miguel Pereira destaca a universalidade que atinge Machado de Assis como contista, seja por meio das profundas análises psicológicas, seja pela amargura de suas narrativas, e que, no final, desafiou com sua arte os “mistérios que nos rodeiam”<sup>317</sup> (p.27).

Na sequência, vejamos alguns usos dos paratextos no livro *La iglesia del Diablo y otros cuentos*, traduzido por Remy Gorga Filho e publicado por Libresa, Quito, em 2007. Antes da leitura efetiva dos contos, o leitor dessa edição depara-se com 32 páginas de apresentação da obra divididas em “*Estudio introductorio*”, “*Algunos juicios críticos*”, “*Cronologia*” e “*Temas para trabajo de los estudiantes*”.

A primeira seção inicia-se com o tradutor comentando que entrou em contato com Machado de Assis pela primeira vez aos 11 anos de idade, ou seja, temos novamente aqui, como vimos com Pablo del Barco, uma motivação de cunho pessoal para a realização da tradução, pois se trata mais de uma informação sobre o tradutor – ou sobre o projeto tradutório de uma perspectiva mais ampla – do que sobre os textos machadianos que se seguem. Então, temos contato com uma breve biografia de Machado de Assis, passando pela questão histórica do Reinado no Brasil. Ganha destaque nessa biografia, assim como em inúmeras outras, o fato de Machado ter ficado órfão ainda criança, ser mulato e neto de escravos libertos, ser gago e epilético – características que talvez explicassem sua timidez –, e ter podido desenhar uma vida de ascensão social, culminando no que sempre almejava: as letras.

Para Gorga Filho, Machado de Assis pode ser comparado a Balzac, haja vista que ambos tinham como “inspiração” a “gigantesca e fulgurante massa humana”<sup>318</sup> (p.15). Mais adiante, entram as mulheres machadianas por meio da descrição do tradutor. Gorga

<sup>317</sup> “misterios que nos rodean” (p.27).

<sup>318</sup> “gigantesca y fulgirante masa humana” (p.15).

Filho reimagina as mulheres machadianas no paratexto, pois “Machado de Assis via com e através dos olhos da mulheres”, personagens que são “*verdaderas mujeres*, ao contrário de seus personagens masculino, tão pouco homens”<sup>319</sup> (p.16, grifos nossos).

Sobre a produção crítica do autor, destacam-se os estudiosos mais contemporâneos como John Gledson e Roberto Schwarz entre outros que merecem destaque por promoverem novas leituras da obra machadiana; e tudo isso acontecendo cem anos depois da morte do escritor, o que nos revela que muito ainda há a se descobrir não só sobre a figura de Machado de Assis, mas também sobre sua obra. Encontramos ainda uma cronologia relacionando aspectos da vida e da obra de Machado de Assis com o que estava acontecendo na América Latina e no mundo na mesma época. Por exemplo, no ano de 1896, Machado lançava *Várias Histórias* e fundava a Academia Brasileira de Letras; Rubén Darío, na Nicarágua, lançava *Prosas profanas* e *Cantos de vida y esperanza*; e no resto do mundo aconteciam as Primeiras Olimpíadas Modernas em Atenas.

É interessante observar que essa edição traz, como visto acima, uma seção de “trabajos de los estudiantes”, que consta de cinco perguntas ao estilo de: “O conto é uma arte menor?”, “De qual conto desta antologia você gostou e por quê?”, ou ainda, “Será possível mudar o final da história em contos como *Missa do Galo* ou *Uns braços*? Então, como você o faria?”<sup>320</sup> (p.32). Imaginamos que essas questões possam ser ampliadas ou, até mesmo, problematizadas em uma sala de aula, pois, uma vez que “mudamos o final” de *Missa do Galo*, o conto poderia deixar de explorar a dúvida, o que justamente dá o toque machadiano ao enredo, se considerarmos que muitos dos contos de Machado de Assis possuem enredos “banais”, mas a forma como são narrados transformam essa banalidade em algo distinto e mais sutil. Contudo, não havendo informações sobre a faixa etária desses “estudantes”, não sabemos também até que ponto tais questões são ou deixam de ser pertinentes, mesmo porque consideramos também que o/a professor/a de literatura poderia fazer outros tipos de intervenções.

Vejamos agora o último livro aqui selecionado. *Misa de Gallo y otros cuentos*,

<sup>319</sup> “Machado de Assis veía con y a través de los ojos de las mujeres” (...) “son verdaderas mujeres, al contrario de sus personajes masculinos, tan poco hombres” (p.16).

<sup>320</sup> “¿El cuento es un arte menor?”, “¿Cuál de los cuentos de esta antología le gustó, y por qué?” e “¿Será posible cambiar un final de historia e cuentos como *Misa de Gallo* o *Unos brazos*? Entonces, ¿cómo lo haría usted?” (p.23).

traduzido por Elkin Obregón<sup>321</sup>, em 1990, publicado por Editorial Norma em várias capitais da América Latina: México, Santiago, Bogotá entre outras. Essa edição nos remete muito diretamente a *Memorias póstumas*, de Alatorre, uma vez que um dos textos de apresentação é a tradução de um texto de Alfredo Bosi, outra figura de renome não só para os estudos machadianos, mas também para a literatura brasileira. A apresentação de Bosi conta com uma pequena biografia e crítica literária sobre Machado de Assis, destacando suas qualidades de romancista e de contista, passando de romances “fracos”, aqueles que apenas ampliariam a perspectiva de um Alencar urbano, como *Ressurreição* e *Iaiá Garcia*, mesmo tendo já a consciência crítica que lhe permitira escrever sobre *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Posteriormente, Bosi destaca que os romances da fase madura de Machado desenvolvem uma “linha de análise das máscaras que o homem se coloca”<sup>322</sup> (p.8).

Com relação às personagens femininas, Bosi destaca o romance *Dom Casmurro*, narrativa toda traçada pela possibilidade do engano, e o crítico chama a atenção para o fato de que “o romance não traz nenhuma prova decisiva a respeito”<sup>323</sup> (p.11). Notamos que ao fazer esse comentário, mesmo que dentro de parênteses, o leitor já recebeu a informação da falta de provas e não chega a essa conclusão por si só nem se deixa enganar pelo narrador (o que seria também é uma possibilidade de leitura). Como vimos no início deste trabalho, Machado de Assis dialoga com o leitor, e no caso de *Don Casmurro* há já a explicitação de uma estratégia narrativa. Contudo, devemos dizer que se trata de um livro de contos e não da introdução do romance.

Além da apresentação de Alfredo Bosi, há uma seção de recortes com citações sobre a obra e sobre o próprio Machado de Assis de outras personalidades importantes para a literatura brasileira, como Ledo Ivo, Barreto Filho e José Veríssimo.

Há ainda que se considerar a introdução feita pelo próprio tradutor Elkin Obregón, destacando o romance brasileiro do século XIX e afirmando que Machado é um escritor que influenciou todos os outros que vieram depois dele, pois “não existe escritor contemporâneo no Brasil (...) que não tenha lido Machado de Assis e aprendido com ele”<sup>324</sup> (p.6).

---

<sup>321</sup> Destacamos que tanto a apresentação de Bosi como a de Obregón somam 19 páginas.

<sup>322</sup> “línea de análisis de las máscaras que el hombre se coloca” (p.8).

<sup>323</sup> “la novela no aporta ninguna prueba decisiva al respecto” (p.11).

<sup>324</sup> “no existe un escritor contemporáneo en Brasil (...) que no haya leído a Machado, y aprendido de él” (p.6).

Sobre a seleção de contos, vemos uma vez mais o interesse pessoal por Machado de Assis, dado que Obregón assim afirma: “o critério de seleção é pessoal, mas não (...) arbitrário. A intenção é dar um breve testemunho de uma obra vasta e coerente, destinado a um público em sua maioria desconhecedor dessa obra”<sup>325</sup> (p.6). Julgamos relevante destacar que caso se considere o público desconhecedor, ou seja, iniciante, as revelações de *Don Casmurro* podem provocar o leitor a querer “entender melhor” o que foi dito no texto e sentir-se convidado a ler o romance. Contudo, semeando a dúvida, será que fazer de Bento Santiago um narrador sagaz não seria isso uma tentativa de “trair” e não só de “atrair” o leitor? (MONTEIRO, 2016).

Nossas análises não contam com a participação efetiva de leitores de Machado de Assis em língua espanhola – o que demandaria outra perspectiva de trabalho –, mas se baseiam no que o mercado editorial lança como produto final, ou seja, tivemos acesso, até este momento, apenas aos livros finalizados e publicados. Por esse motivo, temos mais possibilidades de levantar hipóteses sobre os efeitos que tais paratextos provocam nos leitores, ou seja, imaginamos que um leitor que não conheça muito sobre a vida de Machado de Assis ou sobre sua obra, ao se deparar com essas quatro publicações aqui selecionadas, poderá formar uma ideia geral de quem era Machado de Assis e de como se configura, de modo bem amplo, sua obra.

Consideramos, então, que os paratextos apresentados desempenham o papel de convite ao leitor, não só para a obra que tem em mãos, mas também para outras. As afirmações feitas pelas personagens femininas podem despertar o interesse pela leitura de outras obras, e levar a perguntar o que faz as personagens masculinas “poco hombre” frente às “verdaderas mujeres”.

Reafirmamos, dessa forma, que cada tradução – ou projeto tradutório – é um novo chamado à reflexão e uma nova forma de expor outros conhecimentos. Nas palavras de Esqueda (2009, p.182), trata-se de uma “oportunidade para o exercício crítico (...) oxigenando o campo do conhecimento da e sobre tradução” ou ainda “novas perspectivas interpretativas”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>325</sup> “El criterio de selección es personal, pero no (...) arbitrario. Intenta dar un breve testimonio de una obra vasta y coherente, destinado a un público en su mayoría desconocedor de esa obra” (p.6).

Quisemos apresentar com este artigo algumas considerações sobre a construção das personagens femininas de Machado de Assis em espanhol em especial nos paratextos das traduções editoriais. O texto machadiano oferece possibilidades de análises diversas, pois o trabalho com a linguagem é meticulosamente elaborado, a criação ficcional e o desenvolvimento de gêneros diferentes convida os mais diversos leitores, nesta e em outras línguas.

Além disso, partimos do pressuposto de que lidar com tradução de literatura é muito mais do que um trabalho linguístico, ou seja, trata-se de mecanismos e possibilidades de conhecer outras culturas, outros tempos e outras pessoas (CARVALHAL, 2003). No caso específico das personagens femininas, notamos como as questões culturais podem ser determinantes para a escolha de certos autores (como no caso de Lúcia Miguel Pereira e Alfredo Bosi para os textos de apresentação) nesse tipo de projeto tradutório e editorial.

Durante nossa leitura, fizemos projeções sobre os impactos que determinadas escolhas poderiam ter nos leitores, isto é, convidando-os a entrar no universo machadiano ou revelando-lhes estratégias de leitura, como é o caso da detalhada e meticulosa apresentação que faz Pablo del Barco do romance *Don Casmurro*, com a qual, o leitor hispanofalante já teria a possibilidade de conhecer tanto Capitu como Dona Glória e prima Justina antes mesmo da leitura do romance. Em outras palavras, os paratextos apresentam nessas obras analisadas um papel de uma espécie de guia de leitura, uma paratradução, dado que os paratextos têm a função de fazer de um texto um livro (GENETTE, 2009).

Pensamos, portanto, nesse contexto, a atividade de tradução de textos literários como um processo de “interpretação sem fim”, ou seja, em todo trabalho de tradução, há algo no texto que resiste e que convida a uma nova leitura, uma nova interpretação, uma nova tradução, sempre no movimento de “adiar” e “diferir” (DERRIDA, 1992).

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Don Casmurro*. Tradução de Pablo del Barco. Madrid: Cátedra, 1991.
- \_\_\_\_\_. *La Iglesia del Diablo y otros cuentos*. Traduzido por Remy Gorga Filho. Quito: Libresa, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: conto*. Organizado por Eugênio Gomes. 9º ed, Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Memorias póstumas de Blas Cubas*. Tradução de Antonio Alatorre; Introdução de Lúcia Miguel Pereira; Notas de Antonio Alatorre e Pero de Botelho. 3º ed. México:

Fondo de Cultura Económica, 2006.

\_\_\_\_\_. *Misa de Gallo y otros cuentos*. Tradução de Elkin Obregón. Barcelona, Bogotá, Caracas, México, Miami, Panamá, Quito, San Juan, Santiago: Editorial Norma, 1990.

BERGAMINI, Denise Lopes. As mulheres nos contos de Machado de Assis. *Darandina: Revista Eletrônica*, v. 1, n° 2, p.1-17, 2008.

Disponível em:

<[http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/as\\_mulheres\\_no\\_conto.pdf](http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/as_mulheres_no_conto.pdf)>, acesso em 03 mar. 2018.

CARDELLINO, Pablo. Traducciones de Machado de Assis al Español. In. GUERINI, A. et al. (Orgs.). *Machado de Assis: tradutor e traduzido*. Florianópolis: Ed. Copiart, 2012, p. 129-159.

CARNEIRO, Fernanda Sampaio. Pablo del Barco: o maior tradutor de literatura brasileira na Espanha. *Revista Bazil com Z (on-line)*, n° 99, jan/2016, p.49-51. Disponível em: <<http://www.revistabrazilcomz.com/revizta-digital/espanha/>>, acesso em 27 de fev. de 2018.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: Ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Tradução de Lóris Z. Machado, Campinas, SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *This strange institution called literature: an interview with Jacques Derrida*. In: Acts of literature. London: Routledge, 1992. p.33-75.

ESQUEDA, Marileide Dias. Jacques Derrida e esta estranha instituição chamada literatura. *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, n°. 18, 2009, p.177-182. Disponível em:

<<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/viewFile/2060/1960>>, acesso em 02 de mar. de 2018.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOISÉS, Massaud. A retórica da sedução em “Missa do Galo”. *Revista Brasileira*, ano X, n°38, p.51-83, 2004. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-38.pdf>, acesso em 20 de fev. 2018.

MONTEIRO, Pedro Meira. “Falo das linhas vistas”: adivinhação e jura no *Memorial de Aires*. COLI, J. e GÁRATE, M. (orgs.). *A arte da comparação: homenagem a Luiz Carlos Dantas*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016, p.41-47.

ROSENFELD, Anatol et al. *A personagem de ficção*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1981).  
STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

YUSTE FRÍAS, José. Paratraducción: la traducción de los márgenes, al margen de la traducción. *D.E.L.T.A.*, 32-especial, 2015, p. 317-347. Disponível em: [http://www.joseyustefrias.com/files/DELTA-2015\\_JYF\\_Paratraduccion\(1\).pdf](http://www.joseyustefrias.com/files/DELTA-2015_JYF_Paratraduccion(1).pdf), acesso em 15 de mai. de 2018.